

## Letramento midiático e apropriações da juventude sobre a crítica à mídia hegemônica

Media Literacy and youth appropriations of the youth on the criticism to the hegemonic media

Letramiento midiático y apropiaciones de la juventud sobre la crítica mediática hegenónica

Recebido em: 30/05/2019

Aceito em: 21/08/2019

### RESUMO

Este artigo busca contribuir para a discussão sobre a importância do letramento midiático em nossa sociedade, em especial nas camadas mais jovens da população. Nesse sentido, relatamos e analisamos a realização de um experimento; parte da pesquisa-ação "Mídia, redes e jovens, midiaticização a partir do cotidiano escolar", realizada com jovens do ensino médio em outubro de 2018. A atividade estimulava a prática de interferência e reescritura de manchetes de jornais como proposta na página do Facebook "Caneta Desmanipuladora". Ao efetuar deslocamentos de sentido na enunciação das manchetes, a ação da página evidencia os vários pontos de vista possíveis para a narrativa de um fato. Os resultados apresentados reforçam a hipótese de que a leitura crítica da mídia é parte fundamental do letramento midiático de jovens, e tem potencial transformador. Ao mesmo tempo, trazem questões não antecipadas, que dizem respeito à credibilidade da imprensa e às iniciativas em prol do próprio letramento midiático.

### PALAVRAS-CHAVE

Letramento midiático. Leitura crítica da mídia. Caneta Desmanipuladora. Mídia e Cotidiano.

### ABSTRACT

This article seeks to contribute to the discussion about the importance of media literacy in our society, especially in the younger population. In this sense, we report and analyze the performance of an experiment; part of the action research "Media, networks and youth, mediatization from the school routine", held with high school youth in October 2018. The activity stimulated the practice of interference and rewriting of newspaper headlines as proposed in the Facebook page "Caneta Desmanipuladora" (Demaniplating Pen). By making sense-shifting in the enunciation of the headlines, the page action highlights the various possible points of view for the narrative of a fact. The results presented reinforce the hypothesis that the critical reading of the media is a fundamental part of the media literacy of young people, and has transformative potential. At the same time, they bring up unanticipated issues, which relate to the credibility of the press and the initiatives in favor of the media literacy itself.

### KEYWORDS

Media literacy. Critical reading of the media. "Caneta Desmanipuladora" (Demaniplating pen). Media and everyday life.

### RESUMEN

Este artículo busca contribuir a la discusión sobre la importancia de la alfabetización mediática en nuestra sociedad, en especial en los grupos de edad más jóvenes de la población. En ese sentido, relatamos y analizamos la realización de un estudio que formaba parte de parte de la investigación "Medios, redes y jóvenes, mediatización a partir del cotidiano escolar", con una escuela secundaria secundaria en octubre de 2018. La actividad estimulaba la práctica de interferencia y reescritura de titulares de periódicos como propuesta en la página de Facebook "Caneta Desmanipuladora". Al efectuar desplazamientos de sentido en la enunciación de los titulares, la acción de la página evidencia los varios puntos de vista posibles para la narrativa de un hecho. Los resultados presentados refuerzan la hipótesis de que la lectura crítica de los medios es parte fundamental del texto mediático de jóvenes, y tiene potencial transformador. Al mismo tiempo, traen cuestiones no anticipadas, que se refieren a la credibilidad de la prensa ya las iniciativas en pro del propio letramento mediático.

### PALABRAS CLAVE

Alfabetización mediática. Lectura crítica de los medios. "Caneta Desmanipuladora". Medios y Cotidiano.



M<sup>a</sup> Cristina G. Rosa do Amaral

Mestre em Mídia e Cotidiano pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

[cristina.gramaral@gmail.com](mailto:cristina.gramaral@gmail.com)

Larissa de M. Ribeiro Mendes

Doutora, professora do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense (UFF).

[larissamorais@uol.com.br](mailto:larissamorais@uol.com.br)

Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo; os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo. (Paulo Freire)

### 1 INTRODUÇÃO

Na aula magna que proferiu no Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense (PPGMC-UFF) para abrir o ano letivo de 2019, o professor Luiz Roberto Alves, da Universidade de São Paulo (USP), procurou estabelecer um diálogo, quanto ao conceito de cotidiano, entre dois autores nos quais ele se especializou: a filósofa húngara Agnes Heller e o educador brasileiro Paulo Freire. Para Heller, que viu os horrores do nazismo na Segunda Guerra Mundial, e para Freire, que vivenciou a instauração da ditadura militar no Brasil, o cotidiano é o lugar da opressão, mas também da transformação social. Freire, como Heller, caminha em direção à superação do cotidiano como o local da repetição, mesmice e invisibilidade, da negação do outro como projeto político, para se constituir como o espaço privilegiado da inclusão, da humanização e do conhecimento. O cotidiano é também lugar de radicalização da comunicação que gera o verdadeiro conhecimento, bem como do desenvolvimento da consciência crítica que faz despertar uma cidadania ativa.

Neste artigo, Paulo Freire inspira uma reflexão quanto à importância da leitura crítica da mídia como componente fundamental do letramento midiático de jovens, no contexto de midiaticização da vida contemporânea. A hipótese central é que, ao aprender a ler criticamente o vasto conteúdo informacional que chega por meio das diversas mídias no cotidiano, o jovem torna-se capaz de desenvolver uma compreensão expandida da realidade exposta –, o que atua em favor de um letramento midiático mais pleno e do seu desenvolvimento cidadão.

A reflexão é feita a partir da observação e análise de um exercício de leitura crítica de mídia proposto a um grupo de jovens do ensino médio, com base em manchetes de jornais selecionadas e divulgadas pela página do Facebook “Caneta Desmanipuladora”. A atividade foi parte de uma pesquisa-ação realizada pelo grupo Mídias, Redes e Jovens, da UFF, no Colégio Pedro II, unidade Niterói-RJ, entre nos meses de outubro e novembro de 2018. A reescrita desses conteúdos pelos jovens, de modo a ganhar novos sentidos para além dos propostos originalmente na imprensa, compõe o material empírico que ancora a discussão apresentada.

Tratamos de um tipo de letramento que se dá num estágio diferente de aprendizado do trabalhando prioritariamente por Freire (2012). Há, contudo, pontos de aproximação entre a proposta de uma conscientização política através do processo de alfabetização e a investigação da pesquisa quanto à perspectiva de jovens poderem compreender melhor determinados processos sociais, ao assumirem uma postura ativa na reescrita de textos jornalísticos. Em ambos os casos, a busca pelas palavras certas é

o fio condutor de um processo de aprendizado ativo e do desenvolvimento de consciência cidadã.

### 2 A OPÇÃO PELO TERMO LETRAMENTO

Os estudos de Comunicação, em determinado momento alinhando-se aos estudos da Educação, forjaram diferentes expressões para traduzir conceitos mais ou menos convergentes a respeito da necessidade de analisar, compreender e estimular a capacidade do homem, enquanto sujeito, de interagir com a mídia de forma consciente e cidadã. Nos anos 1970, pelo menos na América Latina, tais estudos se posicionavam duramente contra o desequilíbrio na produção e distribuição de bens culturais que existia entre os hemisférios norte e sul, assim como às possíveis influências dos meios de comunicação – principalmente em relação a crianças e jovens (Soares, 2014). Mas não levavam em consideração a capacidade de reação e resposta do cidadão, amplamente abordada, mais tarde, por autores como Jesús Martín-Barbero (2001) e Néstor García Canclini (1997) Em quase meio século, a discussão a respeito da educação midiática desenvolveu-se (principalmente na Europa e Estados Unidos, onde passou a fazer parte, em maior ou menor grau, de políticas públicas do Estado). Expressões como *Media literacy* e *Media Education* foram se estabelecendo enquanto no Brasil a ideia de alfabetização midiática ia cedendo lugar ao conceito de Educomunicação. Por que, então, optamos pela expressão “letramento midiático” para caracterizar o escopo deste trabalho?

Admitindo a coexistência de vários modelos e práticas na promoção da educação midiática, vislumbramos três protocolos básicos, conforme a proposta de Soares (2014): o moral, o cultural e o mediático. Para o autor, tais protocolos reúnem “conjuntos de conceitos e normas que garantem a identidade das ações, sua coerência e aceitação pública” (Ibid, p.17). O modelo moral, mais antigo e oriundo da popularização do cinema, aponta para os “perigos” representados pela mídia e propõe formas de coibir ou controlar sua produção e acesso. O segundo protocolo, o cultural, encara a comunicação e os meios de comunicação como parte da cultura moderna, e mantém seu foco na relação entre os educandos e os meios de comunicação, em especial as novas tecnologias. Essa forma de trabalhar é privilegiada pela Unesco<sup>1</sup>, sendo denominada de *Media Literacy*. O terceiro protocolo é o mediático, assim designado em reconhecimento à Teoria das Mediações Culturais. Nesse protocolo encontra-se a Educomunicação, que foca não a mídia em si, mas o processo de comunicação como um todo, abrangendo todas as formas de expressão, “especialmente a artística, tendo

---

<sup>1</sup> Para sua tradução em português a Unesco defende o uso do termo Alfabetização Mediática. A posição do órgão das Nações Unidas pode ser encontrada em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasilia/communication-and-information/digital-transformation-and-innovation/media-and-information-literacy/>>.

como objetivo a ampliação do potencial comunicativo da comunidade educativa” (SOARES, 2014, p.18).

Uma vez identificada a abordagem da *Media Literacy* como sendo a mais próxima ao trabalho desenvolvido pelo grupo, entendemos que o uso da expressão “Letramento Midiático” constitui uma legítima expansão do termo para o que se pode considerar, na sociedade de hoje, um letramento apropriado: aquele que contemple uma linguagem multimodal. Ao mesmo tempo, foge do peso atribuído à palavra alfabetização, excessivamente ligada à escrita, e que pressupõe uma falta total de conhecimento prévio por parte do indivíduo que necessita ser “alfabetizado”, em uma sociedade estruturada pela mídia. Literacia, por sua vez, é uma palavra bastante usada em Portugal como sinônimo de letramento, mas no Brasil causa estranhamento, principalmente fora do meio acadêmico.

### 3 REFERENCIAL TEÓRICO

Para a realização da pesquisa-ação, partimos do arcabouço teórico de Tornero (2009), que traça um mapa conceitual definindo bases para a mensuração do letramento midiático da população nos países europeus. A pesquisa foi encomendada pela Comissão Europeia a um consórcio formado por universidades e organizações de diversos países. O autor denomina *Media Literacy* como “o desenvolvimento do entendimento crítico e da participação cidadã, por exemplo, através do empoderamento e da interação dos indivíduos na vida sócio-política através da mídia”<sup>2</sup> (CELOT; PÉREZ TORNERO, 2009, p. 9). E divide em duas as dimensões envolvidas no processo: as competências individuais e os fatores ambientais – estes, na base da pirâmide que ilustra seu mapa. Por fatores ambientais o autor entende a disponibilidade da mídia e o contexto de letramento daquela população – seja em relação às políticas públicas do país ou a iniciativas da sociedade civil. As competências individuais, sejam elas sociais ou pessoais, vêm acima desta base formada pelos fatores ambientais. No topo da pirâmide, as habilidades comunicativas do indivíduo. Apesar de ter sido construído para a Europa, o mapa de Celot e Tornero pode nos auxiliar no movimento de conhecer e estimular o letramento midiático entre os jovens de outros contextos. E aqui nos deparamos com uma dificuldade: a multiplicidade de realidades encontradas quando pensamos a juventude, não só em um comparativo da juventude europeia com a brasileira, mas quando falamos da juventude de modo geral.

Com algumas poucas exceções, no intuito de facilitar a realização de estudos internacionais, regionais, temporais, socioeconômicas etc., convencionou-se definir a juventude pela faixa etária que vai de 12 a 29 anos. A realidade demonstra, no entanto,

---

<sup>2</sup> Tradução nossa. No original: The ultimate focus (and ambition) of media literacy is the development of individual Critical Understanding and citizen participation (i.e., the empowerment and interaction of people in public life through the media, and by reason of the development of individual capacities for Critical Understanding of media literacy in the socio-political sphere.

que a juventude é muito mais do que um bloco único, constituindo-se de múltiplas culturas juvenis, formadas a partir de diferentes interesses e inserções na sociedade. Por isso, cada vez mais, fala-se em juventudes, e não em juventude.

Nesse sentido, a juventude, por definição, é uma construção social, ou seja, a produção de uma determinada sociedade originada a partir das múltiplas formas como ela vê os jovens, produção na qual se conjugam, entre outros fatores, estereótipos, momentos históricos, múltiplas referências, além de diferentes e diversificadas situações de classe, gênero, etnia, grupo etc. (ESTEVES; ABRAMONAY, 2007, p. 21).

Por isso ressaltamos que, dentro de um objetivo maior de investigar as interações da juventude com a mídia, entendemos que os resultados de cada etapa das pesquisas já realizadas pelo grupo, e descritas a seguir, devem sempre levar em consideração o universo jovem específico estudado.

A motivação para abordar a juventude no contexto da midiaticização está descrita em artigo recente, sobre outra etapa de nossa pesquisa.

Dos movimentos de ocupação que atravessaram os continentes às “primaveras” que puseram em xeque ditaduras nacionais, há numerosos exemplos de uma ação juvenil cuja performance se associa, em grande medida, ao uso intensivo das novas mídias. As transformações culturais e a centralidade da juventude neste processo reacenderam o interesse das Ciências Sociais pela categoria (...). (FELIX, 2018, p. 122)

144

Ainda segundo a autora, aquilo que ocorre nas redes digitais em que os jovens constroem a sociabilidade nos dias de hoje não pode ser apartado do que acontece no cotidiano midiaticizado das grandes cidades. Entre as diversas concepções quanto ao significado da midiaticização, na sociedade contemporânea, temos em Couldry e Hepp (2013) o principal referencial. Para eles, midiaticização não deve ser compreendida como teoria específica, mas como abordagem para o estudo das influências das mídias no cotidiano. O termo vem sendo usado “para analisar a inter-relação (de longo prazo) entre a mudança da mídia e da comunicação, por um lado, e a mudança da cultura e da sociedade, por outro, de uma maneira crítica” (HEPP, 2014, p. 51).

Tal concepção é coerente quando se leva em conta que, segundo a última Pesquisa Brasileira de Mídia (2016), mais da metade dos brasileiros usam a internet como primeira ou segunda opção de meio “na hora de se informar sobre o que está acontecendo”. A mesma pesquisa aponta que aproximadamente 80% dos jovens entre 16 e 24 anos entrevistados usam a rede durante toda a semana, metade deles chegando a ficar por mais de 5 horas conectados nos finais de semana

A atividade proposta na oficina<sup>3</sup> seguiu o entendimento de que a ação da página do Facebook “Caneta Desmanipuladora” funciona como um primeiro estágio de um procedimento de análise do discurso, aplicada às manchetes de jornais, como proposto por Orlandi (2015). O objetivo da prática é evidenciar as várias possibilidades de narrativas para um mesmo fato, apontando perspectivas (GOMES, 2009), propósitos (CHARAUDEAU, 2009) e enquadramentos (MARTINO, 2014).

### 4 ESCOLHA METODOLÓGICAS

Como observa Franco (2005), pesquisa e ação podem e devem caminhar juntas quando se deseja a transformação da prática. A autora classifica a prática da pesquisa-ação em três categorias, variando de acordo com a direção, o sentido e a intencionalidade da transformação desejada: a pesquisa-ação colaborativa, quando a necessidade, identificada pelo grupo, é levada aos pesquisadores; a estratégica, quando ela é previamente planejada, sem a participação dos sujeitos; e a crítica, quando ela é percebida como necessária a partir de trabalhos anteriores do pesquisador. Esse tipo de pesquisa é sustentada por uma reflexão crítica coletiva e, por isso, há uma imprevisibilidade nas estratégias a serem utilizadas. A pesquisa-ação crítica considera a voz do sujeito, sua perspectiva, seu sentido, mas não apenas para registro e posterior interpretação do pesquisador: a voz do sujeito fará parte da tessitura da metodologia da investigação (FRANCO, 2005, p. 486).

A pesquisa-ação realizada no Colégio Pedro II, que segue os pressupostos da pesquisa crítica, constituiu-se da terceira etapa de um trabalho desenvolvido pelo grupo de pesquisa “Mídias, redes e jovens: usos e apropriações em contextos digitais com jovens” em Niterói desde 2014, investigando a natureza das interações desse grupo etário com a mídia. A primeira parte, relatada em Felix et al. (2015) e em Felix et al. (2016), consistiu na aplicação de um questionário estruturado em dois grupos de escolaridade e faixa de renda distintos. O objetivo era estabelecer relações entre perfil socioeconômico, perfil cultural e o consumo midiático. A segunda etapa, realizada no segundo semestre de 2017, consistiu na realização de três grupos focais com estudantes de Jornalismo da UFF, numa análise qualitativa em torno de indagações surgidas a partir das respostas aos questionários, quanto aos hábitos de consumo midiático da juventude. Parte da pesquisa foi apresentada na Compós (FELIX e FRANCO, 2018) e outros artigos sobre a experiência ainda estão em avaliação. A opção pela metodologia da pesquisa-ação, nesta terceira etapa, tornou-se natural a partir das necessidades identificadas nas outras duas fases.

---

<sup>3</sup> A Oficina foi idealizada por Maria Cristina Guimarães Rosa do Amaral, co-autora deste trabalho, que na ocasião finalizava a dissertação de mestrado “Deslocamentos de sentido e de narrativas na recirculação da notícia nas redes sociais: um estudo da Caneta Desmanipuladora” (AMARAL, 2019).

Entre meados de outubro e novembro de 2018, realizamos seis encontros com um grupo de 14 estudantes do primeiro ao terceiro ano ensino médio que se candidataram a participar de um conjunto de oficinas que denominamos “Por dentro da mídia”, nas dependências da própria escola, em horário complementar ao das aulas. Num cartaz, elaborado por um dos integrantes do grupo de pesquisa, que foi distribuído em pontos estratégicos da escola, fizemos o seguinte convite: “Oficina de Produção de Conteúdo e Leitura Crítica da Mídia. Venha entender como funcionam os veículos de imprensa e aprender a produzir seus próprios conteúdos para Web Rádio ou Blog”. O cartaz indicava ainda data do primeiro encontro, local e e-mail para inscrição e indicava que o número de vagas seria limitado.

Com a ajuda da coordenação pedagógica da escola, com quem tivemos dois encontros antes do início efetivo das atividades com os estudantes, identificamos no ensino médio a etapa da formação escolar ideal para o trabalho. Nessa fase, o estudante já tem maturidade para compreender os conceitos embutidos nas atividades propostas e, ao mesmo tempo, está aberto a uma construção de aprendizado crítico que acreditamos ser valiosa tanto para a formação cidadã de jovens, como para dar densidade ao conteúdo de diferentes disciplinas da grade escolar.

Cabe registrar que o Pedro II é uma escola pública de referência no Estado do Rio de Janeiro, e também uma das mais tradicionais. Em 2015, foi a escola pública de melhor desempenho no Enem, em todo o país, à frente de muitas escolas de elite. O ingresso dos alunos se dá por sorteio, do primeiro ao quinto ano do ensino fundamental, ou por concurso, no sexto ano em diante. Tanto os sorteios como os concursos são disputados entre famílias de todas as classes sociais, o que faz da escola um espaço plural de convivência. O colégio foi fundado pelo imperador D. Pedro II em 1837 e passou pela mais recente fase de expansão na década passada. Hoje, são 14 *campi* em oito localidades, sendo doze no Rio de Janeiro, um em Duque de Caxias e outro em Niterói, onde realizamos a pesquisa.

No percurso da pesquisa, podemos considerar que foram cumpridos integralmente três dos quatro requisitos apontados por Peruzzo (2015) para uma pesquisa-ação: o grupo não só sabe que está sendo estudado, como conhece os objetivos da pesquisa e participa de sua realização; a pesquisa contribui para solucionar alguma dificuldade ou problema do grupo pesquisado; os resultados e o próprio processo da pesquisa são revertidos em benefício do grupo. A quarta característica – a formulação do problema e dos objetivos com o grupo, e a ajuda no levantamento de dados e na discussão de resultados – foi cumprida apenas parcialmente. Já chegamos no campo com o objetivo pré-formulado de avaliar o modo como os jovens compreendem as mídias e se relacionam com elas em seu cotidiano. Por outro lado, apesar de apresentarmos uma estrutura geral de trabalho já consolidada, algumas decisões estratégicas foram traçadas em conjunto com o grupo, segundo suas visões e anseios. Por exemplo, o tipo de oficina prática de que iriam participar, o tema do programa realizado, as

fontes e a estrutura do programa. A pesquisa foi devidamente registrada na Plataforma Brasil e aprovada pela direção da escola, seguindo todos os trâmites necessários.

### 5 A CRÍTICA DA “CANETA DESMANIPULADORA”

Como material de trabalho para a oficina de Leitura Crítica da Mídia, foi utilizada a atuação da página do Facebook “Caneta Desmanipuladora”. O acompanhamento crítico do trabalho da imprensa existe há muito tempo, tanto no âmbito acadêmico quanto nos próprios meios de comunicação. Mas a tecnologia digital, e principalmente a internet, possibilitou e deu visibilidade à atitude – até então pouco usual – de criticar a construção semântica de uma manchete, de interferir e produzir um novo sentido e de alcançar ampla divulgação dessa crítica, como faz a “Caneta Desmanipuladora”. A página de Facebook surgiu em maio de 2016, criada por uma artista plástica e um jornalista, de 24 e 26 anos respectivamente. A época era de intensa polarização política por conta do impeachment da então presidenta Dilma Rousseff. A “Caneta” republica notícias já veiculadas pela imprensa hegemônica fazendo intervenções que, ao deslocarem o sentido da enunciação, criam novas narrativas, a partir de outros pontos de vista (Fig 1). Nesse sentido, a ação equivale ao que Orlandi (2015) chama de primeiro passo para um procedimento de análise do discurso, quando a reescritura do texto mostra outras maneiras de dizer alguma coisa. Fazendo isso, a página deixa claras as várias vozes pré-existentes naquele texto e as formações discursivas e ideológicas em que se enquadra aquela enunciação. Um exemplo é a manchete abaixo, originalmente publicada pelo O Globo online em 23/09/2016 e recolocada em circulação, com alterações, pela página “Caneta Desmanipuladora”.

147

IMAGEM 1 – NOTÍCIA APRESENTADA NA OFICINA DE LEITURA CRÍTICA DA MÍDIA



Fonte: CANETA DESMANIPULADORA – FACEBOOK

O artifício usado para intervenção na manchete foi a transposição da voz ativa para a voz passiva, tornando o sujeito objeto da frase. Além de deslocar a ação, a intervenção força o uso de outros verbos para que a informação seja compreendida. Assim fazendo, cria uma nova narrativa para o mesmo fato, de um ponto de vista distinto do anterior. No subtítulo a troca de verbos também elimina a insinuação do livre-

arbitrio: não cabe ao ex-prefeito decidir sobre a devolução da área que invadiu. A proposição da “Caneta Desmanipuladora”, enquanto crítica à mídia, parece simples. Na página, a explicação é dada pela seguinte frase: “traduzindo o *midiês*”. Na verdade, a ação da “Caneta” desdobra várias camadas de interferências e significados, a começar pelo uso do *pilot* vermelho, que aponta para uma clara intenção pedagógica, aproximando-se da correção escolar.

Também os riscos, veementes e brutos, carregam em si a afronta da performance, gerando uma afetação mais agressiva, paralela à pedagógica. Somem-se a isso os sentidos de interdição e perigo normalmente associados à cor vermelha. E, é claro, o sentido político, que historicamente liga o vermelho aos partidos de esquerda. Não é à toa que pouco tempo após o primeiro post da “Caneta Desmanipuladora”, foi criado o site “Caneta Desesquerdizante”, em uma clara oposição política à primeira. Se a estética da “Caneta Desmanipuladora” já está carregada de significados, é na interferência textual que sua ação se consolida.

Partindo do princípio de que existem várias maneiras de se narrar um fato, com igual capacidade de verossimilhança, a “desmanipulação” prometida no título da página remete menos a uma intenção pontual em relação àquele fato (uma farsa, distorção ou até mesmo *fake news*) do que a luta contra um padrão de enunciação que faz com que o ponto de vista da elite seja naturalizado, na mídia, como o único possível, ou o natural. Nas teorias de jornalismo encontramos o conceito de enquadramento para explicar esse efeito.

O modelo de enquadramento descreve a ação de selecionar e enfatizar alguns aspectos em detrimento de outros, ao se apresentar um fato. Segundo esse modelo, é desejado e necessário que o público entenda a informação passada pela mídia. Para que isso aconteça, no entanto, essa informação nova deve ser ligada a outras já conhecidas do leitor – isto é, deve ser enquadrada em uma moldura de referências anteriores, em um contexto. O que acontece então é que esse contexto passa a dar o sentido da notícia e determina a compreensão do fato noticiado dentro dessa moldura (MARTINO, 2014). A questão é que essas molduras de referência – ou esquemas prévios de percepção – são construídas pela própria mídia, o que reforça no longo prazo a tendência de mídia e audiência pensarem de modo semelhante. Dessa maneira, o modo como a mídia trata determinado assunto (o enquadramento dado) passa a ser percebido como correto, ou verdadeiro, na medida em que o público compartilha as mesmas referências e recebe aquela informação, encaixando-a nos esquemas mentais originários da própria mídia.

Já na década de 1980, o jornalista Perseu Abramo (ABRAMO, 2009, p.27) identificava alguns padrões de manipulação que seriam usados seguidamente pela imprensa para ajudar a impor, ao público, um ponto de vista único. Como exemplo ele cita, entre outros, a ausência sistemática de certos temas na mídia; a inversão da importância dos fatos no relato da notícia, a fragmentação e a descontextualização dos

fatos que são apresentados isolados, fora de suas interconexões e inter-relações. Muitos desses padrões destacados por Abramo formam a base para as “desmanipulações” propostas pela “Caneta”, e, como verificamos, são claramente percebidos pelos jovens, quando lhes é proposto que reescrevam um conjunto de manchetes.

### 6 RELATO DA OFICINA DE CRÍTICA DA MÍDIA

A Oficina de Leitura Crítica da Mídia ocorreu no segundo de seis encontros que realizamos com os 15 estudantes do ensino médio no Pedro II de Niterói<sup>4</sup>. Na reunião inicial nos apresentamos, explicamos nossos objetivos e o planejamento para as semanas seguintes, e pedimos que cada um falasse um pouco de si e das próprias expectativas em relação à proposta. Deixamos claro que as oficinas eram parte de uma pesquisa, e que a participação de cada integrante seria observada e analisada, embora não identificada particularmente.

Os estudantes nos ajudariam a entender melhor o modo como os jovens compreendem as mídias e se relacionam com elas no cotidiano, e nós iríamos oferecer em retribuição uma oficina de leitura crítica e uma de produção de conteúdo. As oficinas seriam simultaneamente um espaço de criação, observação e aprendizado. Eles poderiam escolher entre as plataformas rádio ou web, para a oficina de produção. A partir de pautas sugeridas e apuradas por eles, com nosso suporte e sob nossa supervisão, nasceria como produto do trabalho realizado um programa de rádio ou um blog temático<sup>5</sup>.

A pesquisadora responsável pela apresentação abriu o encontro falando sobre o conceito de crítica. Pediu que algum aluno fizesse uma crítica sobre atuação da seleção brasileira na última Copa do Mundo. Um aluno fez uma crítica negativa, e ela lembrou que críticas também podem ser positivas. As de cinema, por exemplo, podem enfatizar prioritariamente pontos fortes ou fracos, normalmente apontam ambos. Criticar é questionar, destrinchar: esse seria o espírito do trabalho realizado na oficina: despertar o olhar crítico para a formulação das notícias.

Nosso objetivo era esclarecer diferentes aspectos da produção noticiosa, bem como alertar para a importância da reflexão sobre o uso nas palavras, nas mais diferentes esferas da vida social. As palavras não são neutras, explicou a pesquisadora, recorrendo a um conceito caro a diferentes vertentes teóricas da Análise do Discurso, elas carregam sentidos para além dos percebidos à primeira vista. Os alunos demonstraram grande interesse na apresentação e fizeram comentários sobre a importância dessa discussão, em tempos de proliferação de *fake news*. Estávamos em outubro de

<sup>4</sup> Os encontros para a realização das oficinas no Colégio Pedro II ocorreram em 2018, nos dias 24/10, 26/10, 29/10, 31/10, 5/11, 7/11, com reunião de encerramento em 12/11, para apresentação do programa de rádio editado. A oficina de leitura crítica foi a do dia 26/11.

<sup>5</sup> O processo de escolha da plataforma, no primeiro encontro, e a realização da oficina escolhida, de rádio, estão sendo desenvolvidos por outros integrantes do grupo de pesquisa, em outros trabalhos.

## Apropriações da juventude sobre a crítica à mídia hegemônica

2018, véspera de um pleito eleitoral marcado pela disseminação de mentiras e meias verdades travestidas de mentira que claramente influíam nas intenções de voto da população, em favor da ultradireita<sup>6</sup>.

Foram exibidas notícias representadas de modo bastante distinto, por veículos de tendências também distintas. Um exemplo são as manchetes abaixo, apresentadas em slide para os alunos, publicadas pelos jornais Folha de São Paulo e El País em 15/04/2018, logo após a divulgação do resultado de uma pesquisa de intenção de votos.

IMAGEM 2 – NOTÍCIA APRESENTADA NA OFICINA DE LEITURA CRÍTICA DA MÍDIA



Fonte: CANETA DESMANIPULADORA – FACEBOOK

Foi nesse contexto que apresentamos o primeiro de dois exercícios práticos: pedimos que os alunos, divididos em cinco grupos de três integrantes cada, apresentassem títulos de uma mesma notícia, real ou imaginária, sob diferentes óticas.

Os cinco grupos demonstraram compreender a ideia de ponto de vista. Percebemos, contudo, uma tendência à formulação de posicionamentos abertamente parciais. Os primeiros a exporem suas escolhas apresentaram uma notícia sobre uma “uma invasão” de alunos do colégio à Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, durante um protesto. Eles mesmos usaram na descrição do fato uma palavra com uma forte carga negativa, que aparecia novamente em um dos títulos criados: “Alunos invadem violentamente Alerj”. Os jovens narraram oralmente que a ênfase daquela notícia recairia

<sup>6</sup> Santos e Tanscheit (2019) analisam a vitória de Jair Bolsonaro nas eleições presidenciais de 2018 e a ascensão de uma nova direita política no Brasil, radical, em substituição à direita moderada.

sobre a “doutrinação ideológica” aos alunos. Uma escolha que parecia refletir a preocupação dos estudantes com o discurso do então candidato Jair Bolsonaro, que viria a se eleger presidente, em favor do movimento “Escola sem partido”. O subtítulo informaria: “Polícia age para evitar danos ao patrimônio”. Já no outro veículo, eles explicaram que iria prevalecer o ponto de vista dos alunos.

Quatro das cinco situações imaginadas diziam respeito a acontecimentos envolvendo o cotidiano escolar. A falta de verbas para o funcionamento de uma escola, que aparecia como informação relativamente neutra em um veículo (“Escola não recebe verba”), era retratada como uma enfática necessidade de controle de gastos em outro (“Governo age de forma incisiva no controle monetário”). O sujeito se desloca da escola sem dinheiro para o Governo que nega esse dinheiro de modo justificado. Já o atraso de um estudante no Enem foi exposto como ineficiência no sistema de transporte público em uma versão e como ineficiência da empresa (privada) de ônibus, como se ambos não devessem ser ouvidos como fontes em uma mesma matéria. O ponto de vista do estudante era defendido em ambos os casos.

O grupo que escolheu como tema um suposto atraso em obras na Amazônia imaginou um veículo favorável ao ponto de vista do projeto (“Obras no Norte visam área para o agronegócio”) e outro crítico (“Floresta ameaçada”). No subtítulo da segunda notícia a candidata à presidência e ex-ministra do Meio Ambiente Marina Silva é retratada como defensora da floresta: “Marina Silva, ativista, não aceita desmatamento”. Novamente, o ambiente eleitoral pareceu influir no imaginário dos estudantes, refletindo desconforto e preocupações com problemas sociais do país.

No quinto grupo a apresentar a tarefa, tivemos a clara percepção de que a imprensa estava sendo interpretada como agente nocivo à sociedade, que pode agir sem comprometimento com a verdade factual. Os alunos descreveram um episódio (imaginado) de agressão verbal a um estudante, no transporte público. A essa situação, se opunha um título que tomava partido abertamente do agressor.

Como segundo exercício, distribuímos entre os grupos 7 títulos polêmicos de notícias de editoriais variadas, de veículos da grande imprensa<sup>7</sup>. Todas as manchetes tinham sido já veiculadas no site da “Caneta Desmanipuladora” com interferências, como a reproduzida abaixo.

---

<sup>7</sup> As manchetes distribuídas foram: “No governo Geisel, ditadura eliminou gente com injeção de matar cavalos”, de 16/05/2018, O Globo; “Falha de licença ambiental ameaça 16 mil empregos”, de 17/04/2016, O Dia online; “Tragédia de Mariana já custou R\$ 655 milhões para a mineradora Samarco, de 15/10/2016, Folha de S. Paulo online; “Dória anuncia que devolverá área pública que invadiu em Campos de Jordão”, de 23/09/2016, O Globo online; “Av Roberto Marinho, em São Paulo, sofre com degradação e invasão de sem-teto”, de 18/12/2017, Folha de S. Paulo online; “Expansão das ciclovias em São Paulo faz crescer número de assalto a ciclistas”, de 13/07/2006, Bom Dia Brasil (G1); “Jovem morto atropelado por carro de luxo na Paraíba queria ser cozinheiro”, de 18/10/2016, G1.

IMAGEM 3 – NOTÍCIA APRESENTADA NA OFICINA DE LEITURA CRÍTICA DA MÍDIA



Fonte: CANETA DESMANIPULADORA – FACEBOOK

O texto distribuído para os alunos, no entanto, não trazia qualquer alteração. No final do exercício as alterações propostas pela “Caneta” foram exibidas como uma forma possível – mas não a única – de leitura do fato. A maior parte havia sido divulgada no ano de 2016, período em que página estava mais ativa. Os estudantes teriam 10 minutos reescrevê-los do modo como achassem melhor, caso achassem necessário, após breve discussão. Propositamente, evitamos temas da política atual e selecionamos temas de diferentes áreas de cobertura Geral, Economia, Meio Ambiente e Política. Cada grupo recebeu de quatro a cinco títulos, sendo que alguns foram distribuídos em maior número que outros.

Nem todos os grupos conseguiram atuar sobre a formulação já construída dos títulos, alterando apenas algumas palavras de modo a mudar o sentido geral do texto. Alguns optaram por simplesmente reescrever os títulos. Mas nenhuma construção ficou “incólume” ao olhar crítico dos estudantes. Na manchete “Tragédia de Mariana já custou R\$ 655 milhões para mineradora Samarco”, uma das alunas não chegou a propor nova abordagem, mas sublinhou o “já custou” e escreveu ao lado, fora da marca da notícia: “não fez mais que a obrigação, fofa”. Outro grupo escreveu embaixo da notícia “Mineradora destrói vidas e ainda...”. Aparentemente, os alunos não conseguiram concluir o exercício, mesmo assim indicaram a compreensão de que a apresentação daquele conteúdo era favorável ao ponto de vista da empresa. O terceiro grupo que recebeu a mesma notícia apenas sublinhou a palavra “já”, indicando o mesmo tipo de incômodo dos demais colegas e da própria “Caneta”, que, na ocasião da divulgação da notícia, trocou o “já” pelo “só” e ainda assinalou “até agora”.

O título “Dória anuncia que devolverá área pública que invadiu em Campos do Jordão”, com o “subtítulo candidato tomou a decisão após Justiça decretar reintegração de posse” (O Globo, 23 ago. 2016) também mobilizou os estudantes, que propuseram as novas versões “Dória é sentenciado pela Justiça a reintegrar posse de terreno

que invadiu ...”, “Dória é intimado a devolver...” e ainda “Dória é obrigado a devolver...”. Nas construções, o prefeito sai da posição, quase benevolente, de quem devolve algo, para a de quem sofre as consequências jurídicas de ter cometido o crime de invasão de área pública. Uma leitura atenta e preocupada com a defesa do ponto de vista do interesse público.

Outro título alterado para apresentações menos suaves da realidade foi “No governo Geisel, ditadura eliminou pessoas com injeção de matar cavalos” (O Globo, 16 maio. 2018). Os alunos geraram as versões “No governo Geisel, ditadura assassina opositores...”, “assassinou pessoas”, “assassinou oposição...” e “matou pessoas injetando veneno para cavalos”, todas escritas na mesma sistemática da “Caneta Desmanipuladora”, sobre os títulos já elaborados. Todas as demais formulações seguiram a mesma linha, indicando plena capacidade do grupo de compreensão do próprio conceito de leitura crítica da mídia, como parte fundamental do letramento midiático.

Como dado metodológico, é importante ressaltar que o material que os jovens produziram durante a Oficina de Leitura Crítica da Mídia que relatamos aqui sofreu a influência do conteúdo da própria oficina. As propostas deles de reescrita de determinadas manchetes que distribuímos, por exemplo, emergiram no contexto de um debate em cursos sobre objetividade e criação de sentido, na imprensa. Cabe mencionar, ainda, que nosso objetivo não foi demonizar a imprensa ou determinados veículos, mas demonstrar que o conteúdo noticioso não é um reflexo transparente dos fatos do mundo e sim resultado de um processo complexo que envolve escolhas, interesses e enquadramentos pessoais e organizacionais.

153

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Encontrar o tom certo para abordar, junto aos jovens, a complexidade implicada nos processos de produção midiática se mostrou um grande desafio na condução de nossa oficina de leitura crítica da mídia. Os estudantes envolvidos na pesquisa se mostraram extremamente interessados nessa discussão, contudo nos pareceram inclinados a enxergar nas distorções que apontamos, em diversos exemplos de produção midiática, uma crítica sistêmica à instituição imprensa e ao próprio jornalismo, tal como o percebem no cotidiano.

No exercício em que pedimos que detectassem eventuais problemas semânticos em títulos de jornais, os alunos se mostraram atentos e críticos. Já quando pedimos que apontassem títulos diferentes para os mesmos fatos cobertos por veículos de tendências distintas, produziram versões maniqueístas para os pontos de vista apresentados. A maior dificuldade, nos grupos, foi a percepção sutil que permeia os processos de enquadramento.

Ao longo dos seis dias de encontros, os jovens trouxeram perguntas que fortaleceram essa percepção. No primeiro dia, nos perguntaram, por exemplo, que veículos

nós poderíamos recomendar que lessem. No segundo, quando as pesquisas já indicavam que a vitória no pleito presidencial seria de Jair Bolsonaro, quiseram saber se achávamos que o quadro político que se delineava sofria influência direta da imprensa. A resposta de uma das pesquisadoras do grupo, de que os discursos dos jornais não conformam um sentido único, mas camadas de discursividade, deixou os rostos inquietos. Sim ou não é o que pareciam querer saber.

O exercício da leitura crítica da mídia, apresentado como oficina dentro do projeto de pesquisa-ação, reforçou, para o grupo de pesquisadores, a importância desta competência como parte do letramento midiático dos jovens.

É certo que a organização da sociedade hoje baseada nas plataformas tecnológicas que dirigem boa parte de nossa vida (VAN DIJCK, 2018) reclama uma autonomia no uso e crítica dessas mesmas plataformas. No entanto, entendemos que o letramento midiático vai além.

A partir do momento em que é através da mídia – e, principalmente, do jornalismo – que se conhece a realidade fora do alcance da nossa experiência, é fundamental perceber que mesmo notícias autênticas são construídas e consumidas a partir de enquadramentos que dão sentido aos fatos, a partir de pressupostos ideológicos e culturais. O não reconhecimento da subjetividade inerente a todo processo de construção de narrativas – inclusive a jornalística, apesar de toda as práticas que pretendem torná-la a mais objetiva possível – traz efeitos sobre a maneira como o público vai encarar uma notícia. Ao encará-la como neutra, ele tende a diminuir o uso de seus filtros valorativos, suas opiniões, seus sistemas de valores. Aquela narrativa passa a ser a “natural”.

Ao mesmo tempo, a experiência evidenciou a fragilidade da base em que esse mesmo exercício é desenvolvido: a presunção de verdade que a atividade jornalística traz, por seu próprio contrato de leitura. Ou, como diz o professor da UFBA Wilson Gomes (2009), o jornalismo não apenas assume com o consumidor de notícias a obrigação de ser veraz, mas também o compromisso de usar todos os recursos possíveis para evitar o engano e o erro.

Talvez a principal contribuição deste trabalho seja apontar um questionamento metodológico que acreditamos ser pertinente a outras pesquisas sobre a temática da mídia e juventude, no contexto atual: como expor contradições expressas em veículos jornalísticos e chamar a atenção para a importância da leitura crítica, sem correr o risco de alimentar nos jovens um sentimento de descrença sistemática na imprensa – num momento em que essa instituição vem sendo alvo recorrente de ataques pelo governo, que tenta esvaziar o teor das críticas que vem sofrendo<sup>8</sup>. Como encontrar o equilíbrio

---

<sup>8</sup> Ver em <<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,imprensa-e-alvo-de-bolsonaro-no-twitter-a-cada-3-dias,70002750823>> e em <<https://www.nexojornal.com.br/podcast/2019/07/29/Os-ataques-de-Bolsonaro-de-jornalistas-ao-presidente-da-OAB>>.

entre a confiança na imprensa (que hoje se apresenta, como um dificultador, como uma miríade de veículos tradicionais e amadores na internet) e o saudável ceticismo para questioná-la?

Acreditamos que uma medida fundamental, nessa direção, está no comprometimento que assumimos, ao optar pela pesquisa-ação, de retornar ao grupo com resultados. No encontro que realizamos com essa finalidade sete meses depois de encerradas as oficinas<sup>9</sup>, tivemos a oportunidade de ir além do compromisso formal assumido com a escola. Além de convidar a direção da unidade e a coordenação pedagógica, chamamos os próprios alunos para receber o relatório e ouvir nossas conclusões e inquietações.

Por mais que os estudantes já soubessem, desde o início, que seriam observados, durante as oficinas, foi ali que cada um pode visualizar a própria contribuição. Ao mesmo tempo, tiveram a oportunidade de compreender a dinâmica de uma pesquisa acadêmica e se perceberem não apenas como alunos, mas como agentes de um processo de produção de conhecimento, pela universidade pública. Ao final da apresentação dos resultados e de uma conversa com o grupo, tivemos uma grata surpresa. Da direção, ouvimos que foi a primeira vez que um grupo de pesquisa levava à escola esse tipo de retorno presencial, com tamanho nível de compromisso e aprofundamento. Dos alunos, recebemos um pedido. Eles gostariam de participar, como monitores ou pesquisadores, da próxima etapa da nossa pesquisa – que contamos que seria em uma escola pública de baixo rendimento escolar, também em Niterói. O grupo chegou a sugerir uma escola próxima à deles, à qual gostariam de ajudar. “Somos muito gratos pelo ensino que recebemos e queríamos, de alguma forma, retribuir”, resumiu uma aluna do 3o ano do ensino fundamental. Melhor retorno, não podíamos imaginar.

Tanto para o educador Paulo Freire como para a filósofa Agnes Heller, transformar o cotidiano requer movimento. Para Heller (2016), se faz necessário deixarmos a alienação da vida diária por meio de um processo de “suspensão do cotidiano” (HELLER, 2016), para que possamos voltar a ele modificados. Nunca um movimento seguro, sem riscos. Acreditamos que oficinas como a que realizamos podem representar essa suspensão. Para os jovens, esse pode ser um momento de iluminação e ampliação de horizontes, de aprendizado e descoberta, mas também de dúvidas e inquietações – especialmente aos que esperavam encontrar nos veículos noticiosos a virtuosidade utópica de uma mídia totalmente objetiva. Professores, educadores e jornalistas estão desafiados a ajudá-los a superar o excesso de idealização ou desconfiança, e dar conta de compreender a mídia em sua complexidade.

---

<sup>9</sup> O encontro para a apresentação do relatório final de pesquisa foi realizado em 16/6/2019, na unidade Niterói, para a diretora geral do campus Mônica de Souza Coimbra Queiroz, a chefe do setor de Orientação Educacional e Pedagógica Verônica de Souza Silva e oito dos quinze alunos que haviam participado das oficinas, além das professoras Carla Baiense Felix e Larissa de Moraes Ribeiro Mendes. O relatório final que está depositado na escola foi produzido por Carla Baiense Felix.

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, Perseu de. **Padrões de manipulação na grande imprensa**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

AMARAL, Maria Cristina Guimarães Rosa do. Deslocamentos de sentido e de narrativas na recirculação da notícia nas redes sociais: um estudo da página Caneta Desmanipuladora. 2019. Dissertação (Mestrado em Mídia e Cotidiano) – Instituto de Artes e Comunicação, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2019.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

CELOT, Paolo; PÉREZ-TORNERO, José Manuel. **Study on assessment criteria for media literacy levels**. Brussels: EAVI – European Association for Viewer's Interests, 2009. Disponível em: <[https://ec.europa.eu/assets/eac/culture/library/studies/literacy-criteria-report\\_en.pdf](https://ec.europa.eu/assets/eac/culture/library/studies/literacy-criteria-report_en.pdf)>. Acesso em: 21 ago. 2019.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2009.

COULDRY, Nick; HEPP, Andreas. Conceptualising mediatization: Contexts, traditions, arguments. New Jersey: **Communication Theory**, Washington (USA), v.23, n.3, pp. 191-202, 2013.

ESTEVES, Luiz Carlos Gil; ABRAMOVAY, Miriam (orgs.). Juventude, juventudes: pelos outros e por elas mesmas. In: ESTEVES, Luiz Carlos Gil; ABRAMOVAY, Miriam. **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; UNESCO, 2007.

FELIX, Carla Baiense et al. Juventude, produção e consumo de notícias: novas dinâmicas, usos e apropriações. In: XXXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2015, Rio de Janeiro. **Anais** do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Intercom, 2015.

\_\_\_\_\_. Juventude, produção e consumo de notícias: dinâmicas, usos e apropriações pelo estudante de Jornalismo da UFF. In: VI SEMINÁRIO MÍDIA E COTIDIANO, 2016, Niterói. Anais do VI Seminário Mídia e Cotidiano, 2016.

\_\_\_\_\_. Juventude e midiatização: reflexões sobre as (re)configurações da comunicação e da cultura no cotidiano. **Revista Sulamericana de Ciências de la Comunicación**, São Paulo, v. 15, n. 29, p. 120-131, 2018.

\_\_\_\_\_; CASTRO, Patrícia Fernandes Viana Franco. Entre o protagonismo e a angústia: apontamentos sobre o cotidiano midiatizado da juventude urbana. In: XXVII ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2018, Belo Horizonte. Anais do XXVII COMPÓS: Belo Horizonte/MG, Compós, 2018, p. 1-26.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Pedagogia da pesquisa-ação. **Educação e pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, 2005.

GOMES, Wilson. **Jornalismo, fatos e interesses**. Florianópolis: Insular, 2009.

HEPP, Andreas. As configurações comunicativas de mundos midiáticos: pesquisa da mediação na era da “mediação de tudo”. São Paulo: **Revista Matrizes**, São Paulo, v.8, n.1, p. 45-64, 2014.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria da comunicação**: ideias, conceitos e métodos. Petrópolis: Vozes, 2014.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2015.

PERUZZO, Cicília. Observação Participante e Pesquisa-Ação. In: BARROS, Antônio; DUARTE, Jorge (orgs.). **Métodos e técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2015, p. 125 - 145.

SANTOS, Fabiano; TANSCHKEIT, Talita. Quando velhos atores saem de cena: a ascensão da nova direita política no Brasil. **Colombia Internacional**, Bogotá, n. 99, p. 151-186, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.7440/colombiaint99.2019.06>>. Acesso em: 21 ago. 2019.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação e Educação Midiática: vertentes históricas de aproximação entre comunicação e educação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 15-26, 2014.

Van DIJCK, José. *Professor José Van Dijck on today's 'platform society'*. DiggIt Magazine. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=g2rVuDQeAeg>>. Acesso em: 5 jul. 2019.

UNESCO. Políticas de/para/com Juventudes. Brasília: Unesco, 2004.